

Reinvenções do futebol brasileiro: O discurso de mudança na imprensa após derrotas nas Copas do Mundo¹

Francisco Ângelo BRINATI²
Ronaldo HELAL³
Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ
Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

Resumo

Os discursos adotados pela imprensa são variantes importantes na construção de representações sobre determinado momento histórico. A cobertura jornalística de eventos esportivos usam escolhas discursivas que visam produzir efeitos nos sujeitos que recebem aquela informação. O futebol no Brasil, além de uma prática esportiva, é um elemento configurador de identidades na sociedade. A Seleção Brasileira, inclusive, chega a ser considerada um emblema do país. Em época de Copa do Mundo – principal torneio entre nações neste esporte – o desempenho da equipe nacional desperta o interesse e a cobertura dos meios de comunicação. Este trabalho, um estudo sobre Comunicação, Esporte e Discurso, visa entender quais foram as construções acerca das derrotas da Seleção nos mundiais entre 1930 e 2014.

Palavras-chave: Comunicação; Esporte; Discurso; Seleção Brasileira; Copa do Mundo.

1 Introdução

“Sua derrota foi normal e deve-se mais à má atuação dos seus dirigentes do que aos jogadores. Meus compatriotas continuam a serem futebolistas de primeira categoria, e os erros cometidos pelo quadro, neste Mundial, são de responsabilidade da Comissão Técnica, que cometeu o erro de impor aos jogadores um sistema de jogo demasiadamente defensivo e lento. Não seguiram a evolução do futebol e não se utilizaram das qualidades

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Assistente II do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: chicobrinati@yahoo.com.br.

³ Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: rhelal@globo.com. Endereço Eletrônico: www.comunicacaoesporte.com

⁴ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com bolsa CAPES. Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq, e pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: filipemostaro@hotmail.com.

características dos craques brasileiros, que instintivamente são mais atacantes que defensores”. As palavras do ex-técnico Oto Glória foram publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, há quase 50 anos, mas parecem que foram digitadas logo após a derrota da Seleção Brasileira por 7x1 para a Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo de 2014.

Naquele mesmo dia seguinte à eliminação na Copa de 1966, o jornal dizia:

O Brasil, país do futebol, já não é mais rei desse esporte, que seu povo elegeu como favorito. Que seja, porém, um grande lutador, formando entre os primeiros. Que tenha a humildade de procurar reconhecer seus erros e saná-los, desde a pequena agremiação, base de tudo que pode ser certo ou errado (FOLHA DE S. PAULO, 20/07/1966, p. 20).

O discurso é semelhante ao que observamos desde a eliminação no segundo mundial sediado no país. A obsessão de se dizer que “precisamos reinventar o futebol brasileiro” – assim como vimos nos recortes pós-eliminação em 1966 – foi comum a outros momentos ao longo de 20 edições da Copa?

Neste texto, procuramos analisar os discursos dos dois principais jornais impressos de circulação nacional⁵ – *O Globo* e *Folha da Manhã/Folha de S. Paulo* – nos dias seguintes à eliminação do Brasil. Nossa busca é sobre a construção de sentidos em discursos de mudanças na estrutura, gerência e estilo do futebol nacional.

2 O discurso dos jornais: Produção de sentidos visados

A partir do pressuposto de que, na atualidade, os meios de comunicação são os principais difusores de representações sobre o mundo social, é forçoso concluir que, em alguma medida, os discursos por eles adotados durante uma cobertura de uma Copa do Mundo, por exemplo, afetam as práticas sociais de grupos e indivíduos. São, portanto, espaço relevante para a oferta de algumas (dentre muitas possíveis) das visões de mundo e dos valores culturais de que se nutrem numerosos segmentos sociais, inclusive os relacionados ao esporte.

Os estudos referentes à linguagem e aos discursos comportam grande diversidade de métodos de análise. Alguns centram-se nas observações sobre os aspectos formais. Outros, com base no contexto de sua produção, procuram trazer à tona os sentidos manifestos e latentes em um discurso. Existem, ainda, os que focam a representação linguística do sujeito da enunciação. Essa variedade faz com que um mesmo discurso, se observado por

⁵De acordo com o *ranking* do IVC-Instituto Verificador de Circulação, a *Folha de S. Paulo*, líder entre os jornais do país, teve circulação média de 361.231 exemplares nos quatro primeiros meses de 2015. Já a circulação média de *O Globo* – o segundo colocado – alcançou 320.374 exemplares. Informações acessadas em <http://www.ivcbrasil.org.br>, no dia 27/05/2015.

diferentes perspectivas, possa ter distintas interpretações. As metodologias, nesse sentido, são elaboradas de acordo com a função dos objetos analisados. Ao pensar em um parâmetro metodológico para este trabalho, foi construído um dispositivo utilizado para se analisar os discursos dos jornais impressos embasado em pensamentos de autores da Análise do Discurso.

A Análise do Discurso (AD) é um campo de pesquisa que vem se desenvolvendo desde a década de 1960. Não estuda a língua ou a gramática – mesmo que essas dimensões lhe interessem – e, sim, o discurso. Nesta tradição, procura-se entender a língua como construtora de sentidos – com as suas representações simbólicas – do ser humano e da sua história, de imaginários sociodiscursivos⁶. A AD visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. Desse modo, um discurso não é apenas de transmissão de informação, mas, sim, de um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade entre outros.

Entre as mais variadas vertentes da AD, a Teoria Semiolinguística seria a que melhor se adapta ao quadro metodológico utilizado neste trabalho. Ela foi idealizada pelo linguista francês Patrick Charaudeau na década de 1980 e propõe uma aproximação da linguística com áreas como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social no processo de compreensão do fenômeno da linguagem. O que o autor chama de “material linguageiro da comunicação” (CHARAUDEAU, 2013) seria o que impõe significação ao mundo. Mas, ao mesmo tempo em que ele seria uma representação de uma realidade, é também parte dessa realidade.

Para essa representação de realidade pelos discursos dos jornais, Charaudeau trabalha o conceito de “situação de comunicação”: “todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação” (2013, p. 67). Aos sujeitos cabem os papéis de comunicantes e enunciadorees, de um lado, e

⁶Os imaginários sociodiscursivos, conforme Charaudeau (2008, p. 207), circulam em um espaço de interdiscursividade e são testemunhos das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos e dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais. Têm o papel de espelho identitário e podem se materializar nos tipos de comportamentos, nas atividades coletivas, na produção de objetos manufaturados e de tecnologias que dão ao grupo o sentimento de possuir e dominar o mundo, na construção de objetos emblemáticos.

receptores e interpretantes, de outro⁷. Baseado nessa situação de comunicação, podemos dizer que o sujeito está no centro de todo ato de linguagem, onde o Eu pressupõe a existência do Outro.

O jornalismo é visto aqui como instância mediadora que edifica discursos verbos-icônicos coletivamente, em que o tratamento noticioso dos acontecimentos não é livre, sendo cerceado por condições estruturais do veículo de comunicação, a concorrência de empresas do ramo, a cultura profissional da produção da notícia e as regras e limites éticos impostos pela legislação (FIGUEIREDO, 2013, p. 23).

Essas condicionantes na produção do texto noticioso influenciam, então, no discurso dos meios. O conceito de *ethos* ajuda a entendermos a importância da escolha dos jornais. Seriam o “caráter”, as valorações que são construídas sobre quem enuncia algo, o que ele projeta de si, no caso específico, os jornais. A imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu leitor, por exemplo. Em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. Essas características dos periódicos estão implícitas no enunciado, na história dessas empresas, já que os leitores podem ter uma imagem prévia do veículo. O *ethos* prévio dos jornais impressos *O Globo* e *Folha de S. Paulo* traz, em sua maioria, valorações de credibilidade, de responsabilidade social, de informação com isenção, imparcialidade etc. já que eles representam dois dos mais influentes veículos de comunicação do país. O que acaba dando uma legitimidade às representações sociais feitas sobre a Seleção Brasileira de futebol.

Mesmo sabendo que, o que é escrito não é necessariamente aquilo que será interpretado pelo leitor, entendemos a importância do jornal impresso na construção social de significados. Assim, analisaremos o processo de produção do discurso e as possíveis intencionalidades de interpretação. Aqui, pretendemos entender o *pathos*, que seriam as emoções, os efeitos possíveis que aqueles textos provocam nos leitores, o que os deixariam mais propícios a aceitar os argumentos e significados construídos por aqueles discursos. As emoções despertadas pelo discurso seriam a garantia da coesão social, permitiriam ao indivíduo constituir seu sentimento de pertencimento a um grupo, por exemplo.

⁷De acordo com o pensamento de Charaudeau (2009), na produção do discurso, temos o sujeito que comunica, o “Eu Comunicante” (EUc) – o ser social, no caso aqui estudado, os dois jornais -, para um “Tu destinatário” (TUd), que seria o leitor modelo, ideal projetado pelos enunciadores na produção daquele discurso. O discurso, então, é realizado pelo “Eu Enunciador” (EUe), que é o ser de fala, como exemplo, seriam os jornalistas, quem escreve os textos para chegar até o “TUd”. Contudo, esse “Tu destinatário” não apenas recebe a mensagem, mas constrói uma interpretação sobre ela, com base no ponto de vista dele sobre as circunstâncias do discurso e sobre o “Eu” também. Com isso, passamos a ter um “Tu interpretante” (TUi), diferente do “Tu destinatário”. Com essas interpretações, o “Tu interpretante” tem uma visão do “Eu” que não é necessariamente a que o “Eu” acha que possui, ou tenta construir, já que “TUi” apresenta margem de manobra e crítica sobre o projeto de fala do enunciador.

Neste estudo, vamos analisar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser colocada, ou seja, tratar esta como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido.

A instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, construindo-o como o destinatário-alvo que acredita ser adequado a suas intenções, e, ao visar produzir efeitos de sentido, não tem certeza se esses serão percebidos, e como, por outro lado, a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação, conclui-se que o texto produzido é portador de “efeitos de sentido possíveis”, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos “possíveis interpretativos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 27-28).

Portanto, a análise dos textos dos jornais impressos pretende trabalhar os tipos de representação das derrotas da Seleção Brasileira nos Mundiais entre 1930 e 2014. Mesmo que neste trabalho não se realize pesquisa de recepção, sem podermos calcular seus efeitos produzidos, pode-se inferir, pela análise dos textos, quais são as representações projetadas sobre aquelas equipes e campanhas, assim como a procura pela repetição de um mesmo discurso – talvez encarnado, em diferentes momentos históricos.

3 A representação das derrotas

O Brasil é o único país a participar de todas as vinte edições das Copas do Mundo realizadas pela Fifa. Na primeira oportunidade, em 1930 no Uruguai, os jornais já colocavam a Seleção como favorita. A eliminação após derrota para os iugoslavos mereceu destaque n’*O Globo* com o título: “Causou desapontamento em Buenos Aires a derrota dos brasileiros – ‘La Razon’ diz que os iugoslavos jogaram melhor e que o heróe da tarde foi o keeper Yakevitch”. E no texto que trazia: “A derrota dos footballers brasileiros no campeonato mundial foi recebida aqui com visível desapontamento, visto que elles eram considerados os favoritos da sua série e um dos candidatos mais papaveis ao titulo de campeão” (O GLOBO, 15/07/1930, p. 3). Esse tipo de discurso pode reforçar a identificação dos leitores do jornal com a equipe, pois visa construir a imagem de que a derrota teria sido uma infelicidade de um time que apresentava qualidades e estaria entre os melhores.

No segundo mundial, novamente uma queda precoce. Desta vez, revés para a Espanha por 3x1. Na *Folha da Manhã* (29/05/34, p.11), a derrota veio com críticas como no título: “Os médios brasileiros fracassaram”; ou nos trechos como: “Os brasileiros eram

frágeis perto dos adversários”; e “Jogadores brasileiros ‘atordoados’ com as investidas dos espanhóis”. Mas também com elogios e justificativas: “O triumpho hespanhol foi merecido mas os brasileiros mostraram-se jogadores realmente admiráveis”; e “Accentuasse, outrossim, que o quadro fôra constituído á ultima hora, o que não déra aos jogadores a possibilidade de um treino comum”.

Já *O Globo* preferiu adotar um discurso que enalteceu os atletas nacionais: “Os brasileiros carregados em triumpho - Apesar de derrotados, os jogadores brasileiros, no final da luta foram carregados em triumpho pela grande massa popular que assistiu ao prélio” (O GLOBO, 28/05/1934, capa). Cerca de 40 mil torcedores, segundo o jornal.

A desorganização às vésperas do Mundial e as condições desfavoráveis foram colocadas como as principais responsáveis, também na edição do dia 28 de maio de 1934, pela derrota:

O scratch brasileiro foi eliminado da “Copa do Mundo”, em Genova, pelo scratch hespanhol. A derrota foi experimentada em circunstâncias especiaes, todas desfavoráveis aos nossos rapazes. Era a organização de última hora, quasi sem treino e sem tempo de uma aclimatação indispensável nas canchas da Europa. A selecção quem hontem enfrentou os hespanhoes não representava a força máxima de nosso football. Mesmo assim sempre se esperava que o entusiasmo, o desejo ardente de vencer, diminuíssem as dificuldades que se apresentavam. Tudo dependia do primeiro match e para esse primeiro match os brasileiros tiveram apenas três dias de descanso, após uma viagem longa por mar de quasi vinte dias. A cancha de Genova soffrera bastante com o ultimo inverno. A neve matara a grama e quando os brasileiros visitaram dois dias antes da luta e anteviram as dificuldades que se apresentariam para que o team se utilisasse de todos os seus recursos (O GLOBO, 28/05/1934, capa).

E o texto compara as participações brasileiras nas duas Copas até ali:

É a segunda vez que o Brasil comparece ao campeonato do mundo. Tambem da primeira vez fomos desclassificados na primeira peleja. Tanto antes quanto agora o scratch foi organizado à última hora, não se offerecendo aos nossos elementos tempo material para uma aclimatação. Os brasileiros perseguiram tenazmente o empate na etapa final. O nervosismo, em parte, contribuiu para que não se conseguisse o fim almejado (O GLOBO, 28/05/1934, capa).

Nota-se aqui, já elementos discursivos que apontam falhas e sugerem mudanças. Neste caso especificamente, encontramos construções sobre os problemas na organização da equipe.

A primeira campanha exitosa do país seria quatro anos depois, em 1938. A derrota na semifinal para a Itália, equipe que segundo os jornais do país, só venceu o Brasil com a ajuda da arbitragem, se consagrou bicampeã do mundo ao vencer a Hungria na decisão por

4x2. O que, para a imprensa, só enalteceu o feito brasileiro: “A VICTORIA DA ITALIA SAGROU O BRASIL! – Depois de vencer o nosso selecionado nas condições conhecidas, o grande paiz amigo levanta brilhantemente o campeonato mundial” (O GLOBO, 20/06/1938, capa). Os impressos nacionais tinham um culpado pela derrota brasileira: “SÓ PERDEMOS PARA OS JUIZES DA FIFA... - Leonidas faz o elogio do jogo e da lealdade dos suecos, lamentando que apenas no match de hontem encontrassem os brasileiros um arbitro perfeito” (O GLOBO, 20/06/1938, capa edição das 11h). Ou seja, não encontramos nos textos da imprensa, entre os brasileiros, jogadores que fossem culpados pela derrota ou necessidade de mudança. O que temos são as primeiras representações do “jeito brasileiro” de se jogar futebol. Sempre com Leônidas e Domingos como pilares da equipe.

Excedeu à expectativa a actuação dos brasileiros frente aos suecos – A agilidade desconcertante dos nossos jogadores, os seus saltos acrobáticos e passes inesperados, deliciaram a grande assistência. [...] Domingos, por sua vez, soube embaraçar-se dos ataques adversos com uma elegância que provocou retumbantes applausos. [...] Leonidas foi o homem perigoso de sempre. Os seus poderosos e imprevistos recursos surpreendiam os adversários (FOLHA DA MANHÃ, 21/06/1938, p. 16).

Após um período sem disputas do torneio – devido à Segunda Grande Guerra – o Brasil teve a oportunidade de conquistar o título como país sede, em 1950. Contudo, a derrota para o Uruguai, marcou uma geração. É possível notar escolhas discursivas que transformaram a perda da taça como uma decepção e que era necessário mudar a postura dos atletas em campo.

Escapou o título ao Brasil na melhor oportunidade que se poderia desejar, e o sucedido provocou a maior decepção de que se tem memória na história do futebol nacional, porque os nossos eram apontados como francos favoritos, mercê de uma campanha no certame e de suas últimas partidas, nas quais de fato tiveram excelentes atuações, patenteando claramente que dispunham de recursos de sobra para vencer o último obstáculo. [...] Mais uma vez, a falta de sadio entusiasmo, do entusiasmo que nasce espontaneamente, e não das circunstancias ou dos proventos materiais, golpeou profundamente o futebol de nossa terra, decepcionando de maneira fatal a opinião pública e acarretando prejuízos morais e materiais irreparáveis. (FOLHA DA MANHÃ, 18/07/1950, p. 4).

O Globo, na entrevista do técnico da Seleção, Flávio Costa (com o título: “A amargura do técnico: ‘A derrota não é só minha – declara Flávio – É de todo o Brasil’ – Uma revelação sensacional: o título fora perdido na véspera”), silencia sobre os méritos da equipe uruguaia e constrói um imaginário de problemas de organização na preparação para a final:

- Infelizmente, não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro. Não houve compreensão dos visitantes – gente do interior, caravanas imensas de “torcedores” caravanas de políticos, cada qual falando mais alto em “campeões do mundo”, cada qual apregoando mais, com mais convicção, que o título estava no “papo”. Um desastre! Um perigo! Um adendo! No fim, eu tive de me desdobrar para fugir e para dar fuga àquela invasão. Tive – imaginem vocês – de recolher até lenços, lenços com alusões aos campeões do mundo de 1950, como se football se pudesse ganhar na véspera! (O GLOBO, 17/07/1950, p. 12, vespertina).

E já encontramos opções discursivas que sugeriam reforçar o discurso de que era necessário mudar os rumos do futebol nacional, como na reportagem “Não deixará a C.B.D.”:

Depois da derrota de ontem, correram rumores de que o Sr. Mario Pollo havia dito que iria pedir sua demissão como presidente da C.B.D., em virtude do desfecho do campeonato. Entretanto, falando à nossa reportagem S. S. esclareceu que houve má interpretação de suas palavras. Havia dito que, no caso de serem os nossos jogadores hostilizados, estaria solidário com eles (O GLOBO, 17/07/1950, p. 12, vespertina).

Jogadores como o goleiro Barbosa e o defensor Bigode também foram colocados como responsáveis pelo placar adverso, um discurso que acabaria por colocá-los, futuramente, como os “vilões” do episódio que ficou conhecido como “Maracanazo”⁸.

As narrativas da derrota e os perfis de vilão surgidos e divulgados pela imprensa são um interessante veículo que pode nos dar acesso ao que significa ser derrotado no Brasil, já que as interpretações lançadas sobre o mau desempenho da seleção são permeadas de um imaginário da derrota que ultrapassa o terreno futebolístico. Questões relativas à identidade nacional também surgem a partir das reações que temos toda vez que o selecionado nacional não conquista a taça do mundo. Os vilões e as narrativas da derrota também são uma boa oportunidade para pensarmos o papel que os meios de comunicação desempenham na relação que estabelecemos com os esportes e, especificamente, com o mais popular do país. Afinal, tanto a vitória quanto a derrota podem ter seu efeito mais que dobrado dependendo do tipo de significados com os quais revestimos um jogo. E é extremamente relevante o papel da imprensa esportiva nesse processo de atribuição, produção e circulação de sentidos que gravitam no universo futebolístico (COSTA, 2008, p.15).

Essas representações na imprensa contribuem para a identificação ou não com esses atletas e conseqüentemente com a Seleção. “Vilões são sempre configurados em contraposição a normas ou expectativas mantidas e criadas por determinados grupos, que

⁸ No estudo de Leda, os primeiros vilões de destaque do futebol brasileiro em Copas do Mundo surgiram na derrota em 1950 para o Uruguai: “O Maracanazo consolidou no futebol um tipo de fama às avessas, uma notoriedade indesejada, pois que conseguida através de uma traumatizante derrota. E essa notoriedade cabe aos vilões” (COSTA, 2008, p. 12).

podem ser de torcedores, público em geral, jornalistas, dirigentes etc. Por isso, eles são sempre alvo de críticas, reprovações e punições sejam concretas ou simbólicas” (COSTA, 2008, p. 66).

Após a derrota para o Uruguai, em 1950, o país ficou quase um ano sem entrar em campo. “Necessária renovação”, “indispensáveis mudanças”, “novos rumos” eram expressões dominantes na montagem para o time de 1954. Tanto que dos 11 titulares do Maracanazo, apenas Bauer e Ademir começaram jogando a partida seguinte, em 06/04/1952 pelo Campeonato Pan-Americano, vitória de 2x0 sobre o México. Era necessário resolver a “questão psicológica”, a tradição de 34 anos da camisa, branca com gola azul foi trocada para o amarelo com short azul.

Em 1954, os jogadores brasileiros tentavam demonstrar que aprenderam algo com a Copa de 1950, como nas manchetes: “Didi, na véspera da sensacional estréia: Graças a Deus não começaremos achando que o título está ganho – Confiança sem excessos, entre dirigentes e jogadores do Brasil”; “Ouvindo-os na concentração, às vésperas do encontro inicial, pudemos colher palavras de fé e, felizmente, sem os excessos de confiança que quase sempre atrapalharam os planos do football brasileiro”; Ou: “Baltazar: ‘É a nossa vez de lutar e não vamos parar um minuto em campo’” (O GLOBO, 15/06/1954, p. 12).

O Brasil perdeu por 4x2 para a Hungria, nas quartas de final, e foi eliminado. O jogo foi marcado por jogadas violentas e expulsões de ambas as equipes e uma briga generalizada ao fim. Tanto que ficou conhecido como a “Batalha de Berna”⁹. Mas a principal reclamação verificada nas matérias dos jornais brasileiros foi em relação à arbitragem do inglês Arthur Ellis: “O maior culpado da nossa derrota, aliás, [...] foi o juiz Ellis, que, pelos seus erros, influenciou diretamente no desfecho da peleja em prejuízo manifesto do Brasil” (O GLOBO, 28/06/1954, p. 1, Esportes). Entre os culpados – além da arbitragem – estava o lado emocional dos jogadores brasileiros, que seriam habilidosos, mas incapazes de suportar pressão: “De um modo geral faltou ao team maior experiência em jogos internacionais, para superar as emoções de uma partida tão difícil e de tanta responsabilidade” (O GLOBO, 28/06/1954, p. 4, Esportes). Contudo, já era possível ver, mesmo na derrota, elogios à atuação do selecionado brasileiro e esperança em bons resultados no futuro:

Antes de mais nada é necessária uma palavra de louvor para o extraordinário espírito de luta evidenciado pelos valentes jogadores brasileiros. [...] a técnica brasileira é insuperável.[...] Esses bravos rapazes

⁹A Hungria seria vice-campeã ao perder a final para a Alemanha Ocidental por 3x2.

[...] são dignos representantes de uma escola que realmente não tem rivais. Não temem os brasileiros. Mais cedo ou mais tarde a consagração definitiva há de chegar (FOLHA DA MANHÃ, 29/06/1954, p. 10).

O Brasil se consagraria bicampeão do mundo em 1958 e 1962. Com a queda ainda na primeira fase na Inglaterra, em 1966, a imprensa adotou um discurso de mudança e apontou problemas na preparação da equipe, além de visar um imaginário de necessidade de reinvenção do futebol brasileiro (como podemos ver nos dois recortes dos periódicos que estão na introdução deste trabalho).

Depois do tricampeonato, em 1970, uma nova reinvenção do nosso futebol foi debatida com o quarto lugar em 1974:

Zagalo: Brasil precisa reformular sua concepção de futebol

Depois da derrota para a Holanda por 2 a 0, Zagalo disse ontem que o Brasil precisa reformular sua concepção de futebol: “Ou jogamos como a Holanda, um futebol rápido, moderno e objetivo, ou não conseguiremos mais nada daqui para a frente. Estamos alguns anos atrasados e precisamos andar depressa” (O GLOBO, 04/07/1974, capa).

A discussão seguiu nos dias após a eliminação:

Passo anuncia reestruturação do futebol

O Presidente da Comissão Técnica, Antonio do Passo, informou que todos os membros apresentarão seus relatórios à CBD, sugerindo principalmente, um estudo da possibilidade de reestruturação do futebol brasileiro:

- A Copa do Mundo de 1974 nos deu uma grande lição e nós da Comissão Técnica sentimos que chegou a hora de mudar os conceitos técnicos e táticos do futebol brasileiro (O GLOBO, 07/07/1974, p. 27).

A reestruturação passaria pelas Copas de 1978, 1982, 1986, mas sem título. Em 1982, inclusive, apresentou nos jornais um discurso sobre as características de talento individual do brasileiro, exaltadas em outrora, e que foram criticadas após a eliminação.

Desastre – Três erros derrotaram a seleção de Telê Santana

A Seleção brasileira chega hoje à noite ao Rio de Janeiro, e desta vez não traz sequer o título de “campeã moral”. Foi eliminada da Copa da Espanha, ontem, em Barcelona, pela Itália, que ganhou por 3 a 2, porque cometeu três erros fundamentais: achar que se ganha uma partida antes de disputá-la; confundir jogar na defesa com covardia; acreditar que o talento individual pode superar a falta de esquema (FOLHA DE S. PAULO, 06/07/1982, capa).

Em contrapartida, textos como o editorial da *Folha de S. Paulo*, com o título “Sem amargura”, defendiam a equipe: “Com sua atuação e seu comportamento, a Seleção brasileira não nos oferece razões para a amargura. Antes, dá motivo de orgulho” (FOLHA

DE S. PAULO, 06/07/1982, p.2). Portanto, não é observado escolhas discursivas que buscavam o efeito de necessidade de mudança.

Após os fracassos dos times de Telê nos anos 1980, Sebastião Lazaroni assumiu com uma proposta de mais resultados, menos arte. Na Itália, em 1990, a derrota nas oitavas de final para a Argentina, levantou novamente a tese da necessidade de mudança. Como vemos na matéria de Flávio Gomes:

Seleção do “futebol-nada” deve ser esquecida já a partir de hoje

[...] O pragmatismo de Sebastião Lazaroni faz sentido, mas só é defensável quando dá resultado. Da forma como tudo terminou ontem, os quatro jogos do Brasil na Copa da Itália passam para a história como exemplos de mediocridade, do “futebol-nada”, do “futebol-sem-resultados”, na verdade. Em quatro partidas, três delas terminaram com 1x0 no placar, um sinal de pobreza esportiva. A seleção brasileira de 1990 foi um time muito chato de se ver jogar (FOLHA DE S. PAULO, 25/06/1990, p. D1).

Os anos 1990 trouxeram o resgate do epíteto “país do futebol”. A Seleção Brasileira participou de três finais seguidas (1994, 1998 e 2002), vencendo duas Copas do Mundo (1994 e 2002). A equipe chegaria a 2006 como favorita, afinal, desde 1982, nenhum outro time teria encantado tanto quanto a equipe de 2005. A vitória da França liquidou um “futebol-arte” esperado, mas não jogado no torneio. Os jornais questionaram a atuação brasileira:

Sem mágica, sem tática, sem fôlego, sem craque, sem time, sem raça, sem hexa, sem desculpa.

Megafavorita ao título no início da Copa, seleção tem atuação desastrosa, perde para a França pela terceira vez num Mundial, desperdiça chance única de revanche e é eliminada nas quartas-de-final (FOLHA DE S. PAULO, 02/07/2006, capa, Caderno Copa 2006).

Ou ainda: “Crônica da morte anunciada – Favoritismo e soberba esconderam limitações do time de Parreira” (O GLOBO, 02/07/2006, p. 8, Caderno Copa 2006). Em seu artigo, o jornalista Clóvis Rossi questiona o que ele chama de “Os sem-alma”: “O Brasil de ontem foi o mesmo amontoado amorfo de jogadores preguiçosos, burocráticos, incapazes de acertar mais do que um mísero chutinho na direção do gol de Barthez” (FOLHA DE S. PAULO, 02/07/2006, p. D14, Caderno Copa 2006).

A relação do torcedor com a Seleção também é relatada, onde podemos ver já um indício de “não identificação”, com xingamentos à equipe e ao taxar os atletas como pessoas que só pensam em dinheiro: “Antes passiva, torcida agora xinga – No último jogo da Copa, torcedores falam palavrões contra Zidane, no início, e contra Parreira e os

jogadores, depois” (FOLHA DE S. PAULO, 02/07/2006, p. D7, Caderno Copa 2006), onde é publicado que, depois da derrota, um grupo de torcedores, alguns deles com notas na mão, acusava atletas da seleção de “mercenários” na saída do ônibus do estádio.

A chance de recuperação com uma equipe disciplinada, menos artística, veio quatro anos depois. O estilo do agora técnico Dunga não agradou. Derrota novamente nas quartas, agora para a Holanda, e críticas aos comandados e comandante:

A alegria há de voltar, José Geraldo Couto

Perder é sempre ruim, mas há um consolo. Com a derrota, a concepção bélica, triste e carrancuda de futebol do treinador Dunga talvez seja sepultada, ao menos por um tempo. Talvez voltemos a ver o futebol como um espetáculo, uma festa, uma alegria (FOLHA DE S. PAULO, 03/07/2010, p. D13).

A queda do treinador Dunga – colocada pela imprensa como definitiva naquele momento – já era um sinal de mudança, como vemos na coluna de Renato Maurício Prado:

Fim de uma era sombria que não deixará saudade

[...] Ah, ia me esquecendo do mais importante: passamos, também, a praticar um joguinho chinfrim, sem graça nem talento, apenas na base de contra-ataque, sob a falácia de que o que interessa é o resultado – e não a consagrada história e a aplaudida e mundialmente reconhecida arte do nosso futebol. Vade Retro! (O GLOBO, 03/07/2010, p. 13, Caderno Esportes).

Com a derrota para a Alemanha, em casa, na semifinal de 2014, o discurso de “reinvenção do futebol brasileiro” foi evidenciado nos jornais. O Brasil estaria atrasado diante do futebol praticado em outros países. O jornalista Fernando Calazans aponta como “Uma única saída: ressuscitar”:

O futebol brasileiro – aquele dos cinco títulos mundiais – só tem uma única saída: ressuscitar. Não há forma de remissão, de recuperação, de reação. O futebol brasileiro tem que nascer de novo. Tem que renascer. Para quem foi, para quem é pentacampeão do mundo, para quem tem um lugar definitivo na História, não deve ser impossível. [...] Esse jogo, essa derrota, essa goleada histórica tem que ser guardada na memória, para marcar o início de uma era de total reformulação (O GLOBO, 09/07/14, p.2).

Algumas construções discursivas, inclusive, começam a questionar a perda da identidade nacional pelo futebol. A *Folha de S. Paulo* demonstra o desgaste dessa representação na sua editoria de Opinião, em um dos editoriais, com o título “Pátria sem chuteiras”:

Derrota brutal da seleção brasileira diante da Alemanha talvez possa representar o fim de uma era dentro e fora do futebol. [...] O vexame histórico, ainda que não numa final de campeonato, vem eclipsar o

famigerado ‘maracanazo’ de 1950. [...] A frustração – mas o termo é leve demais para descrever o que aconteceu – talvez possa, com o tempo, enquadrar-se num contexto diverso daquele que marcou, até hoje, as relações do brasileiro com seu esporte mais popular. [...] Já constituía um fenômeno curioso que, no chamado país do futebol, tenham se observado movimentos expressivos, ainda que isolados, de oposição a que a Copa do Mundo se realizasse por aqui. [...] A ideia de uma ‘pátria em chuteiras’, na célebre formulação de Nelson Rodrigues, terá provavelmente sofrido um subterrâneo desgaste ao longo dos anos. Um país mais diversificado, plural e rico foi deixando de ver, nos campos de futebol, sua única fonte de compensação diante dos muitos insucessos do seu projeto econômico e social. [...] Injustificado, talvez, tenha se provado o hábito de depositarmos tanto de nossa identidade nacional num único esporte, num único campo, num único jogo – que sempre é o de hoje. [...] A paixão futebolística sobreviverá, é claro, ao pesadelo de ontem. Mas o massacre, no que teve de brutal e inesquecível, não maculou apenas a mística da camisa verde-amarela; talvez venha a significar também o encerramento de uma época em que país e estádio, povo e torcida, governantes e técnicos, nação e seleção tendem a ser vistos como a mesma coisa. [...] Talvez se possa dizer, a partir de agora, que o Brasil é maior que seu futebol – e que tem desafios mais importantes, e maiores, a vencer. (FOLHA DE S. PAULO, 09/07/14, p. A2).

Discurso que pode contribuir para a construção de um imaginário de que a Seleção Brasileira não é mais um dos emblemas do país.

Conclusões

A construção em torno da Seleção Brasileira pela imprensa ajuda a configurarmos o pensamento que temos sobre aquela que é um dos símbolos da cultura nacional. Após o revés para a Alemanha por 7x1 e o quarto lugar na Copa do Mundo de 2014, os jornais adotaram uma postura de crítica e utilizaram discursos que podem gerar um imaginário de uma equipe / um estilo que necessita de mudanças em sua estrutura, na postura de jogadores, no gerenciamento e até mesmo na relação deste esporte com o torcedor brasileiro.

As representações dos selecionados que participaram e fracassaram em quinze das vinte edições dos mundiais apresentam alguns discursos cíclicos. Dois dos principais jornais impressos nacionais – *O Globo* e *Folha (da Manhã e de S. Paulo)* – adotaram discursos semelhantes sobre as campanhas das equipes.

No dia seguinte às eliminações, notamos os seguintes *pathos* no discurso dos dois periódicos, principalmente nos mundiais de: 1950 (escolhas discursivas que visam a construção da imagem de “problemas na preparação para a final” e “falta de entusiasmo,

vontade dos jogadores”); 1966 (“futebol brasileiro atrasado em relação aos demais”, “problemas na coordenação do período de preparação”); 1974 (“futebol brasileiro atrasado em relação aos demais”, “reestruturação do futebol nacional, inclusive na organização”); 1990 (“futebol pragmático”, “estilo que foge ao que seria o brasileiro”); 2006 (“falta de entusiasmo, vontade dos jogadores”, “problemas na coordenação do período de preparação”); 2010 (“futebol pragmático”, “estilo que foge ao que seria o brasileiro”); e 2014 (“futebol brasileiro atrasado em relação aos demais”, “problemas na coordenação do período de preparação”).

O discurso dos jornais analisados nos mostra que a representação dos discursos de mudança, que verificamos ultimamente no futebol brasileiro, já apresentou antecedentes nos mesmos periódicos, em momentos históricos distintos.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução: Angela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. **Discurso das Mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo** / Leda Maria da Costa. – Tese de Doutorado. UERJ, 2008. 159 f.
- FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. **Os surdos na televisão: análise dos imaginários sociodiscursivos veiculados em reportagens do Jornal Visual**. Rumores (USP), v. 1, p. 233-249, 2012.
- _____. **Imaginários sociodiscursivos de “pessoas com deficiência” na mídia televisiva: análise das reportagens sobre inclusão social do Jornal Visual**. In: Imagem e discurso. MENDES, Emília (coord.), MACHADO, Ida Lúcia, LIMA, Helcira, LYSARDO-DIAS, Dylia (org.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 251-268.
- _____. **Imaginários sociodiscursivos sobre a surdez: análise contrastiva de discursos do Jornal Visual a partir da produção e da recepção**. Tese de Doutorado, UFMG. Belo Horizonte, 2013.
- Jornais:**
- FOLHA DA MANHÃ**. São Paulo, 29 de maio de 1934.
- _____. São Paulo, 21 de junho de 1938.
- _____. São Paulo, 18 de julho de 1950.

____. São Paulo, 29 de junho de 1954.

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 20 de julho de 1966.

____. São Paulo, 06 de julho de 1982.

____. São Paulo, 25 de junho de 1990.

____. São Paulo, 02 de julho de 2006.

____. São Paulo, 03 de julho de 2010.

____. São Paulo, 09 de julho de 2014.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1930.

____. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1934.

____. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1938.

____. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1950.

____. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1954.

____. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1954.

____. Rio de Janeiro, 04 de julho de 1974.

____. Rio de Janeiro, 07 de julho de 1974.

____. Rio de Janeiro, 03 de julho de 2010.

____. Rio de Janeiro, 09 de julho de 2014.